

Um Breve *Credo* sobre Justificação

Douglas Wilson

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Creio que Jesus Cristo foi justificado por Deus em sua ressurreição dentre os mortos, sendo declarado com poder ser o Filho de Deus (Rm 1.4). Ele foi justificado no Espírito (1Tm 3.16), vindicado por Deus, e exaltado à destra de Deus o Pai. Essa justificação, juntamente com a obediência ativa e passiva de Cristo, e todas as suas outras perfeições, é imputada ao seu povo, e é a única base para tudo o que temos nele. Essa justificação de Cristo, essa ressurreição dentre os mortos, foi para a nossa justificação (Rm 4.25).

Creio que Deus em seu soberano e secreto decreto elegeu por nome incontáveis pessoas para a salvação eterna (Ef 1.11). Cada um desses eleitos é justificado individualmente, e irreversivelmente, no momento de sua conversão, quando Deus imputa a eles toda a justiça de Jesus Cristo (Rm 8.29-30). A base dessa justificação é a justiça de Cristo, mais nada, e é apropriada pelo instrumento da fé somente, mais nada, e até mesmo essa fé deve ser entendida como um dom de Deus, de forma que ninguém possa se vangloriar (Ef 2.8-10).

Creio que a Igreja de Jesus Cristo, um corpo pactual orgânico, é também justificada, santificada, regenerada e eleita. Pelo fato de sua santificação, assim como a nossa, não ser ainda completa (Ef 5.24-32), creio que indivíduos não justificados, não eleitos, não santificados e não regenerados podem ser membros (violadores do pacto) desse corpo pactual por um tempo. Mas com o passar do tempo tais ramos estéreis são removidos (João 15.1-7; Rm 11.20; Mt 13.24-40). As máculas – os não eleitos – são removidas da Noiva eleita (Ef 5.27).

Creio que Deus estabeleceu dois pactos distintos com a humanidade, um antes da Queda, e outro após. O primeiro pacto foi chamado um pacto de obras na Confissão de Westminster (7.2). Eu preferiria chamá-lo de um pacto de graça da criação. A condição de guardar o pacto nesse primeiro pacto era *crer* na graça, nos mandamentos, nas advertências e na promessa de Deus. Se Adão tivesse evitado o pecado nessa tentação, ele não teria motivos para se vangloriar, mas poderia somente dizer que Deus graciosamente o preservou. “Obediência perfeita e pessoal”, mesmo para o homem antes da queda, não é possível a menos que ele *confie* na bondade e graça de Deus. Porque Deus capacitou Adão com o poder e a capacidade de guardar o pacto com ele

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em outubro/2010.

(CFW 19.1), Adão foi um recipiente da graça, e dessa forma, o pecado que mergulhou nossa raça na morte foi uma revolta contra a graça.

O segundo pacto é um pacto de graça redentora. O que os dois pactos têm em comum é a graça, não as obras. A condição para guardar esse pacto é a mesma do primeiro, embora as circunstâncias sejam diferentes. A condição sempre é *crer em Deus*.

Esses pontos são feitos, não para contrabandear “obras” do pacto das obras para o pacto da graça, mas sim o contrário. Creio que devemos insistir que obras autônomas devem ser banidas de toda esfera e empreendimento humano (1Co 1.31).²

Fonte: <http://www.christkirk.com/>

² “Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor.”